

A ANTROPOLOGIA DO DESENHO DO CORPO NÃO BINÁRIO:

Contribuições da hipertrofia no fisiculturismo sobre transgeneridade.

Aoi Berriel Pereira - PPGSA-UFRJ

Palavras chaves: trans, fisiculturismo, corpo não binário.

INTRODUÇÃO/RESUMO:

A pesquisa em questão se baseia na análise corporal na apresentação de pessoas não binárias atletas de fisiculturismo em disputa no “Primeiro e Único Campeonato de Fisiculturismo para Homens e Mulheres Trans e Não-Binários do Brasil” (Transmusclebr, no instagram, 2024). O processo de hipertrofia, de aumentar os músculos através da musculação neste caso, proporciona a modulação de silhuetas e gênero associado a questões de conforto. A relação com o campo da antropologia das emoções trilha a construção do conforto e desconforto como questões sociais. Uma vez que impulsiona a ideia de pessoas trans não binárias corporificadas, em noções de impressões de masculinidade e feminilidade. O que é um corpo masculino, o que é um corpo feminino, o que são os corpos não binários? E como é o desenho associado ao gênero desses corpos? O direcionamento dessa ambientalização está em como estes corpos se apresentam, ou podem ser corporificados a partir de seu gênero. Para isso, investiga-se as questões relacionadas à estabilização de conforto do gênero não binário corporificado em socialização deste corpo em disputa no fisiculturismo.

Seguimos o texto com influência da Martineau (2020) ao compreender a leitura e o desenvolver da pesquisa em apresentação como uma viagem que a pessoa autora guia seus leitores em passos para acompanhar e entender uma pesquisa. O foco da pesquisa está direcionado nas pessoas transgêneras não binárias. Trata-se de uma pesquisa em que a pessoa autora é transgênera não binária e pesquisa pessoas não binárias atletas de fisiculturismo. A questão principal em investigação se dá no contexto *curricular*¹ do que se atribui a fabricação corporal de pessoas transgêneras não binárias.

¹ Aqui, a associação de currículo evoca a noção de algo que se tem que cumprir para poder pleitear um espaço. o currículo neste caso se refere ao que uma pessoa tem que apresentar corporalmente para ser considerada trans.

No momento inicial da pesquisa parte-se da relação de documentos, ligado também à questão do documento de identidade, para o avanço na construção da noção de conforto corporal de pessoas transgêneras não binárias. Uma vez que a legislação sobre a transgeneridade apresenta o campo em análise que se esgota na medida em que a produção corporal não é legislada.

A partir de debates como o fazer antropológico, corpo trans em análise, metodologia bola de neve de pesquisa e também sobre o conforto de gênero mantencionado ou gerado pela hipertrofia no fisiculturismo trans, a pesquisa investiga a produção dos corpos não binários transgêneros e avança sobre o conforto de um corpo trans desenvolvido em alinhamento com seu gênero e músculos.

Nos seguintes capítulos deste trabalho completo, da dissertação em produção “A antropologia do desenho do corpo não binário” aprovado no “GT 064: Gêneros, sexualidades e corpos plurais: abordagens antropológicas de práticas esportivas”, está organizado da seguinte forma em destaques: “delineando a pesquisa” ao apresentar como a pesquisa se constitui, “metodologia implicada” explicitando a forma que a pesquisa se constrói em referenciais teóricos da sua elaboração e “questões levantadas” ao direcionar reflexões que a pesquisa levantou em seu estágio ainda em construção.

DELINEANDO A PESQUISA:

Como a pesquisa se iniciou é um dado que pode ser encontrado na dissertação “A antropologia do desenho do corpo não binário” após sua data prevista de defesa e divulgação, a partir de dezembro de 2024. Aqui, como um trabalho que vislumbra a apresentação oral na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (BH, 2024), o foco se dá em um contexto geral resumido que visa a socialização de algumas questões levantadas e o aprimoramento delas. Sendo assim, somente questões emergentes da pesquisa serão encontradas nesta publicação com fins didáticos para a socialização do momento que a pesquisa se encontra e dos debates implicados ao evento referido.

O acontecimento que marca o primeiro impulsionamento do fisiculturismo em compatibilidade com as questões da pesquisa pretendida (até seu desenvolvimento inicial) é o caso do atleta San Moraes. Repercutido em 11 de fevereiro de 2024, num domingo de carnaval, o atleta de fisiculturismo protagonizou com a apresentação de seu corpo a inauguração de uma categoria chamada “Mens Wellness”. Este caso provocou

no fisiculturismo a possibilidade de que homens cisgêneros, pessoas nascidas com penis que se identificam enquanto homens, pudessem apresentar em competição o resultado da fabricação de seus corpos com moldes associados ao feminino (veja na imagem a seguir).

SAN MORAIS: Campeonato Roraima Classic.



INSTAGRAM; RoraimaClassic, Marcinhobelot, San_Moraes. 2024.

2

San Moraes, homem cisgênero gay, utilizou a musculação para fabricar seu conforto a partir do corpo e moldes de gênero. Para ele, não existe nada que o faça se autodeterminar com um gênero diferente do associado ao homem. E a musculação, no ato de aumentar o tamanho dos músculos, a hipertrofia, faz parte do caminho de fabricação de conforto corporificado na estabilização de seu gênero. Em entrevista a pesquisa pode colher mais detalhes e relacionar com debates de gênero, porém, aqui, os detalhes fornecidos até então já são suficientes para seguirmos para o ponto principal da pesquisa: a investigação do desenho do corpo não binário a partir da hipertrofia como produtor de conforto corporificado em gênero.

A hipertrofia é a principal técnica exercitada pelos atletas de fisiculturismo. Dentro de um campeonato (o fisiculturismo), que até então possuía categorias de disputa focalizadas em moldes associados de homem-masculino e mulher-femino, a binaridade de gênero é expandida na medida em que corpos como o de San Moraes

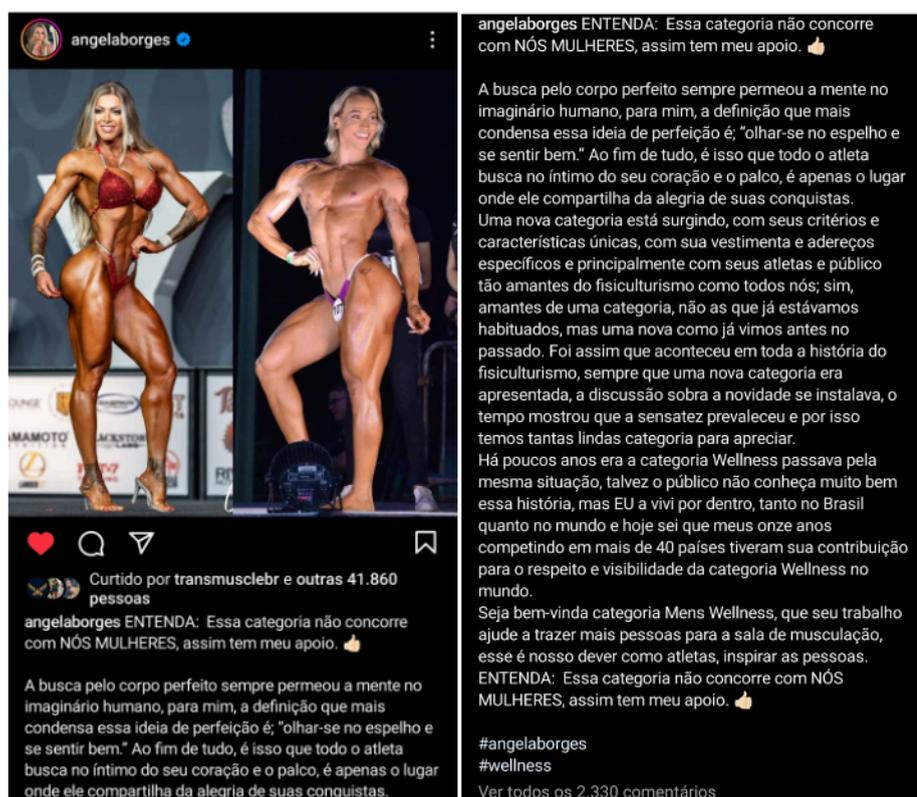
² Imagem 1: San Moraes: Campeonato Roraima Classic.

apresentam uma ampliação de categorias disputáveis. Desta vez em específica, a possibilidade de um homem poder fabricar feminilidade em músculos e disputar pela hipertrofia de silhuetas femininas em campeonatos de fisiculturismo. Que se apresenta como algo inovador no contexto do fisiculturismo em que as categorias masculinas são de desenhos masculinos corporificados. A possibilidade do masculino com desenho de corpo feminino ampliou possibilidades em competição para homens dentro do fisiculturismo.

Dentre a repercussão do caso Mens Wellness protagonizado pela apresentação do atleta San Moraes, a repercussão online que observei enquanto pesquisadora foi a plataforma da rede social chamada instagram. Os comentários sobre o caso mostraram um curto circuito da impressão de gênero associada à questão quando focam em questões trans em um caso sobre uma pessoa cisgênera. Diversas pessoas apontaram o caso como uma performance transgênera ocupando e supostamente desqualificando o espaço cisgênero entre os atletas fisiculturistas. Mesmo que em perfil pessoal, San Moraes afirma de maneira direta que seu caso não se trata de uma mulher trans pleiteando uma categoria feminina, mas sim de um homem gay ampliando possibilidades de apresentação e fabricação corporal em disputa. A questão binária e cisgênera no fisiculturismo se mostrou altamente invocadora da questão transgênera quando tensionado os limites de masculinidade e feminilidade no atleta. Na medida em que provoca o debate uma ampliação da destinação binária homem-penis-masculino e mulher-vagina-feminina como prerrogativa das categorias de campeonato do fisiculturismo.

Em resposta, uma atleta brasileira do fisiculturismo, altamente relevante no cenário do campeonato em nível mundial, entregou aos seus seguidores do instagram um posicionamento do caso tendo em vista seu posicionamento como atleta Wellness (categoria feminina para mulheres). Esta é a Angela Borges campeã internacional de competições, sendo 3 vezes “word champion” (BORGES, 2024), e referência feminina de desenvolvimento corporal pela hipertrofia. Mesmo que não seja um caso de uma pessoa transgênera, que é o foco da pesquisa em questão, relações de conforto que são importantes para a análise tecida, no contexto da pesquisa completa, foram expostas.

Angela Borges: posicionamento sobre o caso mens wellness



INSTAGRAM: angelaborges. 2024.

3

Um destaque importante para a pesquisa é o entendimento do fisiculturismo como uma competição que visa o compartilhamento do resultado da busca de conforto dos atletas. Quando Angela Borges (2024) escreve “olhar-se no espelho e se sentir bem” ela está falando sobre sentir-se confortável com o corpo em definição da prática fisiculturista. Na complementação sobre o fisiculturismo, Angela Borges menciona: “Ao fim de tudo, é isso que todo atleta busca no íntimo do seu coração e palco, é apenas o lugar onde ele compartilha da alegria de suas conquistas”. Neste sentido, o atleta de fisiculturismo utiliza da musculação para produzir o conforto de seu corpo com seu ideal de forma e apresenta na competição seus resultados em alegria com eles.

Essa noção dialoga diretamente com o que a dissertação “a antropologia do desenho do corpo não binário” visa investigar a partir da construção de conforto de pessoas transgêneras não binárias. O caso transgênero parte da construção corporal a fim de construção de conforto entre gênero e corpo. O fisiculturismo trabalha estes mesmos elementos de maneira distinta, porém ambos falam sobre deixar o corpo confortável à sua maneira. Desta forma, podemos ver o fisiculturismo como um

³ Imagem 2: Angela Borges: posicionamento sobre o caso Mens Wellness,

campeonato que socializa o resultado do atleta que utiliza a hipertrofia para fabricar seu conforto corporal e apresentar seus resultados.

Mas quais corpos são passíveis de utilizar o campeonato do fisiculturismo como local que impulsiona sua fabricação corporal através do conforto? Neste contexto, quais espaços podem ser ocupados por pessoas trans e promover o mesmo contexto que pessoas cisgêneras possuem no fisiculturismo como espaço de possibilitar que as pessoas trans atletas possam “compartilhar a alegria de suas conquistas”? Existe algum campeonato de fisiculturismo que se preocupe com o conforto de pessoas trans e que promova um espaço para atletas desse nicho? Mesmo que não seja a questão principal da pesquisa a compreensão da dissidência de gênero no fisiculturismo, este caminho permite localizar espaços confortáveis para a apresentação de atletas não binários. E possibilita a delimitação do campo de pesquisa antropológica na busca investigativa da fabricação corporal de pessoas não binárias, com o reconhecimento da musculação e hipertrofia como estabilizador de conforto de gênero corporificado em seu desenho.

TRANSMUSCLE: divulgação do evento 2024.



INSTAGRAM: Transmuscle, 2024.⁴

⁴ Imagem 3: TRANSMUSCLE: divulgação do evento.

O campeonato de fisiculturismo que se organiza a partir do conforto transgênero é a Transmuscle, o movimento do primeiro e único campeonato fisiculturista de homens e mulheres trans e pessoas não binárias (transmusclerbr, 2024) possibilita um espaço trans para o fisiculturismo. Na criação de conforto na incorporação de atletas transgêneros se assemelha ao caso do San Moraes, pois a busca de conforto da diferença, ou seja, dos corpos diferentes da cisgeneridade binária neste caso, aparece com a criação de espaços para os atletas desconfortáveis com a organização de gênero no fisiculturismo. Mas diferente da categoria Mens Wellness, que se inaugurou no caso San Moraes, a Transmuscler assume o combate do desconforto de pessoas trans de não serem aceitas como homem e mulher pela cisgeneridade. E cria um campeonato que proporciona o conforto das pessoas trans em poderem se apresentar como atletas em disputa de categorias já existentes no fisiculturismo.

Nesta razão, o caso transgênero no cenário do fisiculturismo em 2024 não se baseia em ter novas categorias, pois as pessoas trans competem em categorias já existentes de gênero. Pelo menos no contexto que se dá a binariedade de gênero (homens e mulheres). Isso pode-se dizer sobre a binariedade trans, os homens e mulheres trans, porém no caso da não binariedade a Transmuscle emerge uma nova categoria. Trata-se de uma categoria não binária de disputa, da qual a organização do campeonato optou em gerar para que pudesse subir ao palco apresentações que não focassem só na masculinidade ou feminilidade, mas que puderam incorporar ambos elementos numa mesma categoria separada por gênero. Desta forma, avança-se sobre o alinhamento na possibilidade que pessoas trans possam ter o conforto de participar do fisiculturismo e suas **categorias**⁵.

A busca pelo conforto é um processo que os atletas de fisiculturismo exercitam. A organização social dentre seus campeonatos apresenta uma resistência à diversidade de masculinidade e feminilidade corporificados. O processo transgênero de transformação corporal também está alinhado com a busca da produção de conforto corporal. O entrelaçamento entre ambos aparece, em 2024, em resistência de ampliação para

⁵ Na medida em que as categorias são formuladas, questões como hormonização e cirurgias também são consideradas. Desta forma, dialogando a proposta fisiculturista com as peculiaridades direcionadas aos corpos transgêneros. O campeonato Transmuscle possibilita a disputa de categorias do fisiculturismo já existente em campeonatos cisgêneros, porém também se preocupa com as peculiaridades destes corpos como por exemplo a possibilidade de ter realizado a cirurgia de mastectomia ou não em diferentes categorias de disputa.

incorporação de pessoas transgêneras dentre as categorias já estruturadas. Desta forma, o campeonato da Transmuscle aparece em 2024 como espaço para acolher e possibilitar essa demanda.

Apesar do contexto da categoria de disputa não binária, detalhada na dissertação “A antropologia do desenho do corpo não binário”, o atleta Sidney Scaccio apareceu em Poá-SP para participar da primeira edição da Transmuscle em 2024.

SIDNEY SCACCIO: participação Transmuscle 2024.



INSTAGRAM: sidneyscacciobeats, 2024.⁶

A sua apresentação se deu nos moldes do fisiculturismo. No palco o atleta, junto ao um dj, toca sua música escolhida para realizar poses que permitem a amostragem de seus músculos desenvolvidos pela hipertrofia. Esse momento é realizado depois que os atletas fazem a tintura de seus corpos para que os músculos possam ficar melhor ressaltados. Na apresentação em disputa no palco, o atleta performa junto a música posições de acordo com sua categoria. Até então: masculinas ou femininas. Já no caso

⁶ Imagem 4: SIDNEY SCACCIO: divulgação do evento.

não binário, houve uma performance tanto com poses masculinas e femininas. Como postura do evento, o troféu oferecido ao atleta foi tanto o masculino quanto o feminino. Desta forma, o campeonato Transmuscle demonstra um alinhamento comprometido de conforto de pessoas não binárias.

Na foto de Sidney Scaccio, apresentada anteriormente, encontramos o atleta nos bastidores do evento junto a sua mãe. Essa imagem ilustra a presença de afeições como apoio a sua performance no campeonato. O que não se diferenciou perante os demais atletas transgêneros (todos do evento) de forma que o público que assistia o campeonato em sua grande maioria era de pessoas com ligações profundas a algum atleta que estava lá para prestigiar a apresentação de seus corpos.

METODOLOGIA IMPLICADA:

Para o desenvolvimento da pesquisa, as contribuições de Pinar et al. (1995) mobiliza o entendimento que o processo de conduzir uma pesquisa é por si só uma questão de pesquisa. Desta forma, cada contribuição a pesquisa é considerado como um elemento de construção importante para a análise.

Junto a isso, a metodologia bola de neve (Albuquerque, 2009), que consiste em uma análise de rede um pouco diferente de Latour (2012), fornece o motor chave da forma que a metodologia se constrói. A proposta da bola de neve (Albuquerque, 2009) consiste numa pesquisa que utiliza um contato para alcançar outros, desta forma uma “bola de neve” da forma ao aglutinar contatos que levam a outros e possibilitam a pesquisa.

Aqui, como as questões de pesquisa são consideradas como elementos que constituem a pesquisa, entende-se que o primeiro contato que se leva a outro está em elementos também não humanos. Recuperando um pouco das contribuições de Latour (2012) nessa articulação entre Pinar et al (1995) e Albuquerque (2009), a rede que constitui, ou a bola de neve que se forma, considera como pontos de partida tanto os pensamentos iniciais da pessoa autora como também a estrutura da qual a pesquisa está localizada (neste caso, a produção de uma dissertação de mestrado em antropologia no PPGSA-UFRJ).

Parte-se na produção da dissertação “a antropologia do desenho do corpo não binário” o ponto de interesse em acesso que alavanca conexões que se agrupam para constituir a pesquisa. A escrita antropológica que marca a personalidade da pessoa autora se conecta com

a retificação de nome e gênero de pessoas não binárias, pelo fato da realização de um pré-projeto que dialoga pesquisa, trajetória pessoal e possibilidade de espaço de pesquisa dentro do PPGSA. Que se conecta com o desenho a partir da prática antropológica exercida em sala de aula com a professora Karina Kuschir (que leciona sobre antropologia e desenho) e se aglutina com o interesse pessoal na investigação da hipertrofia como caminho de construção do corpo trans.

Em seguida, conecta-se com a sala de aula em conversas discentes que impulsionam a conexão com espaços de pesquisa como grupos da universidade. O contato com o professor Octávio Bonet e seu entusiasmo em perceber o conceito de conforto como uma questão social a ser melhor desenvolvida na pesquisa, desta forma assumindo a orientação da dissertação. A recomendação do instagram de seguir o “Primeiro e Único Campeonato de Fisiculturismo para Homens e Mulheres Trans e Não-Binários do Brasil” antes do seu acontecimento e a possibilidade de etnografar o evento.

De um contato para o outro, a pesquisa foi se delineando a partir da busca de conforto em diferentes esferas: da possibilidade da produção de uma pesquisa no ambiente que se encontra, nas questões que se pensa e sente durante a realização da pesquisa e seus prazos, da investigação de pesquisar pessoas que buscam a construção de conforto corporal. A rede (Latour, 2012) disponível é acessada pela busca de conforto na realização da pesquisa (da pessoa autora) e a bola de neve (Albuquerque, 2009) gerada se baseia em todos os elementos que influenciam a pesquisa e a direciona: tanto o desconforto ou conforto da pessoa autora realizar-la e suas limitações no processo, como também o instagram que sugere um evento, debates realizados em sala de aula, conversa com as pessoas etnografadas e todos os fatores que ampliam noções e desmarca elas na pesquisa.

Esta metodologia está marcada a partir do corpo e das emoções pensando a partir da busca de conforto. O conforto como algo que almeja uma estabilização da diferença entre a organização social. Essa construção está detalhada na dissertação “A antropologia do desenho do corpo não binário”.

QUESTÕES LEVANTADAS:

O fisiculturismo pode ser pensado como o espaço que propõe aos seus atletas a possibilidade de socializar em disputa os resultados da sua busca de conforto corporal. A técnica de hipertrofia desenvolve formatos e silhuetas que em desenho representam o

gênero corporificado, desta forma, desenvolver os músculos com foco em seus tamanhos possibilita um caminho de estabilização do conforto de gênero corporificado.

A transgeneridade em relação com seus corpos possuem atualmente a Transmuscle (2024) como o espaço para praticar o fisiculturismo. Tanto os gêneros binários, quanto os gêneros não binários. A criação de conforto está nítida e pode ser entrelaçada questões de busca de conforto corporal de pessoas transgêneras que consideram a musculação como opção em seu desenvolvimento corporal.

Dentre mais detalhes e investigações, o que mais podemos aprender sobre o desenho do corpo trans e do corpo não binário ao considerar as contribuições da Transmuscle e dos atletas transgêneros no fisiculturismo? Mais detalhes estão disponíveis na dissertação “A antropologia do desenho do corpo não binário” a partir de dezembro de 2024.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 200Dibig9. Dissertação de Mestrado.

MARTINEAU, H.; LIBERAL, F. G. COMO OBSERVAR MORAL E COSTUMES: requisitos filosóficos. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, v. 1, n. 24, p. 255–274, 2020.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012,

PINAR, W. F. et al. **Understanding curriculum**. New York: Peter Lang, 1995.

Transmusclebr Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/transmusclebr/>>. Acesso em: 2 mar. 2024.

RoraimaClassic, Marcinhobelot, San_Moraes. “Com muita alegria anunciamos que no nosso próximo evento teremos a primeira categoria no Brasil chamada MENS WELLNESS”. Instagram. 9 de fevereiro de 2024. Link: <https://www.instagram.com/p/C3OhkvJOn4s/?igsh=MTE2aTh5MW1reDlreQ==>

Angelaborges Instagram. Disponível em:
<https://www.instagram.com/angelaborges?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

Sidneyscacciobeats Instagram. Disponível em:
<https://www.instagram.com/sidneyscacciobeats?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==/>. Acesso em: 2 mar. 2024.